

BIONDI, Karina. Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2018. 408p

CAMILA DE LIMA VEDOVELLO

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v28i1p296-301

O livro *Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC*¹, de Karina Biondi, é resultado de sua tese de doutorado - vencedora do prêmio de Melhor Tese de Doutorado de 2015 da Brazil Section da Latin American Studies Association - realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação do Prof. Dr. Jorge Mattar Villela.

A trajetória de Biondi pelas dinâmicas do Primeiro Comando da Capital/PCC - e suas *políticas*², *imanências*, *transcendências*, *movimentos e ritmos* - não se iniciou nesta tese, mas em seu mestrado, na mesma instituição e também orientado por Jorge Mattar Villela, onde estudou o PCC nas prisões, resultando no também premiado³ livro *Junto e Misturado – Uma Etnografia do PCC* (2010). São, portanto, mais de dez anos de estudos e pesquisas sobre o tema, fazendo da autora, uma referência no que se refere aos estudos sobre o Primeiro Comando da Capital.

Biondi (2017, p. 295) se situa nas perspectivas de abordagens contra hegemônicas sobre o tema, onde a preocupação com o PCC não está em vê-lo como um problema de segurança-pública ou uma ameaça ao Estado Democrático de Direito, mas sim em entender - através de estudos etnográficos sobre e com os participantes do PCC - suas perspectivas, reflexões e problemas.

Para além de uma etnografia do PCC nas *quebradas*, o livro de Biondi, é, como coloca Marques (2018, p. 19), “[...] uma etnografia no e com o PCC [...]”, onde a autora traz a ideia de uma etnografia que não trata somente *do movimento* do PCC, mas que está *no movimento*. (BIONDI, 2018b, p. 58).

¹ Utilizo itálico como destaque não só de nomenclaturas de livros e artigos utilizadas nesta resenha, mas também, para termos que são centrais para a autora, respeitando o uso do itálico que a mesma faz em seu livro.

² Embora utilizado em seu livro *Junto e Misturado*, Biondi optou em não utilizar o termo *política* em seu livro *Proibido roubar na quebrada* para trazer ao debate os termos utilizados pelos interlocutores.

³ O livro resultante da dissertação de mestrado de Biondi recebeu o prêmio de Melhor Livro do Ano – 2017 da Association for Political and Legal Anthropology/American Anthropological Association.

A narrativa de Biondi percorre *quebradas*⁴ para apreender os *ritmos* e *movimentos* do e no PCC e, para isso a autora lidou com o ser de *fora*, mas, vista e estando *dentro* do movimento, parte integrante do *nóis*, podendo ver as coisas como os *malandros* viam, mesmo não vendo exatamente o que eles viam, não participando de tudo que eles participavam, nas palavras da autora “[...] descrever o meu próprio ponto de vista, a partir do interior do movimento. [...]” (BIONDI, 2018b, p.47).

A partir dos territórios e histórias trazidas por suas narrativas, Biondi (2018b) buscou apreender *o movimento*, ou melhor, *os movimentos*, posto que são uma conjunção, que chegam até ela, transformando o território para a autora, a partir da perspectiva que adota de Guattari (1992), em um *território existencial*, onde o campo “[...] não é outra coisa senão um campo existencial: um lugar de produção de modos de vida singulares. [...]” (BIONDI, 2018b, p.131).

Para além dessas questões, ao fazer etnografia onde os interlocutores da pesquisa em sua maioria são homens, Biondi se defrontou com relações assimétricas de gênero que perpassam os *movimentos* e os *ritmos* do PCC. Além de ser uma pesquisadora em campo, tratando de crime, violência, prisão, temas socialmente vistos como masculinos. Um dos momentos em que Biondi (2018b: p.225) se depara com essa questão, se sentindo primeiramente ofendida e, posteriormente, conseguindo extrair análises daquela fala ao olhar seu material etnográfico, se dá quando um *irmão* diz para ela se reportar ao seu marido ou pedir para que o mesmo vá até a *quebrada*. Sobre essas questões, Biondi (2017) descreve como transformou as dores sentidas em campo em análises:

Algumas vezes me perguntaram como foi a experiência de ser uma mulher pesquisando homens em um ambiente conhecidamente machista. Uma das minhas respostas, que gostaria de reiterar aqui, está ligada ao meu esforço em levar a sério o que meus interlocutores me mostravam- e completo, agora -, ainda que isso me ferisse. Senti raiva, muita raiva, de várias situações que vivenciei em campo. Algumas vezes, cheguei a escrever com essa sensação. Mas na medida em que a escrita avançava, o ódio que senti em pesquisa de campo se transformava em um imenso prazer analítico. E isso vinha justamente junto com esse meu esforço em

⁴ A autora se estabelece em uma quebrada no ano de 2012, mas sua narrativa percorre diversos territórios e histórias, narradas para ela e vivenciadas por ela. Em seu texto não há uma linearidade expressa de tempo e espaços. No momento de seu campo, no entanto, acontecia em São Paulo, o que se chamou de *onda de violência*. Embora tenha enfrentado o campo nesse momento, como a *onda de violência* não estava atingindo seus interlocutores, a autora optou por não tratar dessa questão. Postura semelhante vemos em Rui (2012) que, ao pesquisar a região de São Paulo conhecida como Cracolândia, optou por não debater em sua tese uma operação da Polícia Militar, denominada *Operação Sufoco*, que ocorreu no local, no momento que fazia seu campo. Assim como essa operação foi debatida em outro momento por Rui (2013), em um artigo, Biondi (2018a) trata, em um artigo específico, publicado na revista Anuário Antropológico, das condições da pesquisa e de como realizar o campo em meio à onda.

levar a sério aqueles homens sobre os quais eu desejava escrever, mesmo quando me feriam. (BIONDI, 2017, p. 302)

Para fazer uma etnografia não só *do movimento*, mas *no movimento*, Biondi (2018b) necessitou fazer algumas escolhas éticas frente à pesquisa. Dentre as tomadas de decisões, explicita que optou pela troca dos nomes dos interlocutores da pesquisa, assim como das *quebradas*, além de misturar as histórias que acompanhou. Além disso, optou por não participar de determinadas atividades dos interlocutores, como *debates*⁵ e *corres*, visto que esses poderiam resultar em atividades criminais, inserindo a autora em questões que extrapolam o fazer campo e podendo colocá-la em situações de risco, além de poder expor os próprios interlocutores em situações adversas.

O livro é dividido em três partes e oito capítulos, nomeados pela autora por termos que exprimem noções vividas pela *malandragem*⁶. A *Parte I – Movimento (e território)* traz três capítulos que vão demonstrar a fluidez do e nos territórios. Assim, nos capítulos *1 - Cadeias e quebradas*; *2 - Presenças*; *3 - Brechas*, Biondi (2018b) trata das intensas interlocuções entre as prisões e as *quebradas*, que se dão pela constante presença dos detentos que são soltos e chegam nas *quebradas*, pelos *ladrões* das *quebradas* que são presos e vão para as cadeias, pela presença dos familiares dos presos, pelos negócios entre ambos, pelo engajamento entre cadeia e *quebrada* que criam *movimentos*.

Se, no imaginário social, cadeias e *quebradas* podem soar como durezas em forma de concreto, cimento, asfalto, chão batido, muros, lajes, grades, para Biondi (2018b, p. 69) há o *movimento* nas relações entre os sujeitos nos territórios “[...] Da mesma forma como na pesquisa anterior as *ruas* invadiram as cadeias, aqui as cadeias invadiram as *ruas*.”

As *quebradas*, para a autora, estão para além dos limites territoriais e geográficos, não existindo uma fronteira dura que as definam, mas sim relações estabelecidas pelos sujeitos com o que chamam de *quebrada*. Biondi constrói o sentido de *quebrada*, a partir de seus interlocutores, enquanto locais que esses sujeitos mantêm vínculos afetivos e/ou econômicos, com fronteiras contingenciais e, desse modo, uma *quebrada* pode ser uma praça, rua ou até cidade, se constituindo a partir do momento em que é evocada (BIONDI, 2018b, p. 95).

⁵ Embora não tenha participado de debates, eles estão presentes em suas análises, pois foram trazidos à autora por meio de seus interlocutores. Biondi (2018b, p. 287) esclarece que em um momento inicial tinha a intenção de estar presente de debates que não fossem sobre temas que envolvessem atividades criminais, mas que sua disposição em estar em debates foi desencorajada por uma de suas interlocutoras que expôs que, ao estar presente em algum debate, estaria também se responsabilizando pelo mesmo, sendo uma testemunha.

⁶ Os termos *malandragem*, assim como *ladrão*, são utilizados pela autora de modo a expressar como os sujeitos que colaboraram com a pesquisa se designam. Assim, *malandros*, *ladrões*, *coisas*, *irmãos*, *cunhadas*, entre outros, são termos designados e utilizados de modo nativo, que determinam lugares sociais, condutas, modos de ser, posicionamentos dentro do PCC, além de moralidades dos sujeitos, como no caso dos *coisas*, por exemplo, que são ou *nóias* ou pessoas que cometeram crime de estupro ou outros que são condenados pelo PCC.

Os *movimentos* registrados por Biondi se dão pelo uso de celulares, pela conexão de *ladrões* com diversas *quebradas* e com as cadeias, com *irmãos*, *cunhadas* e, inclusive, com pessoas que não são partícipes do PCC mas que fazem o *movimento* fluir em uma ou outra *correria*, dando passagem para o *movimento* via algum telefonema ou recado, ou até mesmo assumindo um *salve*. As *presenças* se fazem pelos objetos que as permitem, pelos deslocamentos, pelas interações. Mas, para além das *presenças*, Biondi trabalha com as *brechas*, que longe de serem uma falta, algo que deva ser preenchido, é entendido dentro do *movimento* enquanto possibilidade de preenchimento, mudança de rumo.

A autora chama atenção sobre como via lacunas ao olhar as *brechas* e, ao mesmo tempo, observava que, para os *ladrões*, essa lacuna não existia. Os *ladrões* não queriam deixar *brechas*, mas ao se depararem com uma, imprimiam sua marca, preenchendo essa *brecha* através de *ideias* e acabavam por criar novos *movimentos*.

Na *Parte II – Ideias (e Hierarquias)*, Biondi (2018b) explora as *ideias* dadas pelos *irmãos* e como essas não têm o entendimento de pensamento, mas de algo que se faz no momento em que é ação, que se acopla, ganha força entre os sujeitos, cria o *ritmo*⁷ do PCC e gera *movimentos*. Assim, *dar uma ideia* é proferir palavras que convergem em forças, que se estiverem ligadas à um poder simbólico⁸ do *irmão* pode gerar *consensos*.

Ao tratar da questão das *ideias*, Biondi (2018b) percorre diversos diálogos que acompanhou nas *quebradas*, trazendo toda a riqueza que as palavras ditas em conjunção com a postura de quem as diz têm para o *Comando*. Desse modo, acompanhamos quando uma *ideia* faz com que um *irmão* consiga *impor seu ritmo na quebrada*, ou quando uma *ideia morre* ou é *enterrada*, ou mesmo posta *no gelo* para um resgate posterior.

Dentre os diálogos que Biondi (2018b) traz, destacamos aqui um em específico para demonstrar como essa força das palavras em ação em conjunção com a postura de *humildade*, cria a *ideia-PCC*, uma legitimidade que através do *consenso*, estabelece o *ritmo* do PCC.

- O que está acontecendo? Vamos parar com essa briga...- disse um dos irmãos.
- Quem que é você, que nem sabe o que tá acontecendo, que chega todo malandrão mandando parar a briga? – perguntou o homem, nitidamente irritado com a abordagem.
- Aqui é o PCC! – disse o irmão.
- Opa, irmão! Veja bem...O maluco ali tava atirando... Isso não pode... E se pega alguma criança ou naquela senhora? - indagou o homem, já não

⁷ O *ritmo*, tratado no livro de Biondi, é explicado pela autora como “[...] condições particulares que se acoplam às *ideias* quanto à variação resultante, que passa a ser ela própria a nova situação particular que pode fazer outras *ideias* variarem [...]” (BIONDI: 2018b, p. 191)

⁸ Biondi (2018b, p. 181) traz o conceito de poder simbólico de Bourdieu (1989) para demonstrar como, no PCC, as *ideias lançadas* têm mais força ao serem *lançadas* por um *irmão* que expresse legitimidade, que, ao proferi-las, demonstre *respeito e humildade*, impondo seu *ritmo* ao entrar na *mente dos caras*.

mais contrariado com a abordagem, mas em tom de respeito, apontando para uma senhora com idade bastante avançada.

- E se pega na Elis ou no filho dela? Imaginou? Vocês tão loucos? (BIONDI, 2018b, p.180)

Além de tratar das *ideias* dadas pelos *malandros*, pelos *ladrões*, que criam a *ideia-PCC* e os *ritmos*, Biondi trata da *hierarquia*. Há uma insistência jurídica em tentar enquadrar o PCC e seus membros em uma estrutura hierarquizada, fechada, mas, através de sua etnografia não só do PCC, mas com e no PCC nas *quebradas*, Biondi desmistifica essa questão, demonstrando como há uma percepção corrente de equidade entre os membros e como as decisões dependem muito mais de um ganhar nas *ideias*, estabelecendo *consensos* que geram os *ritmos do movimento*, criando as *sintonias* que, entre as expressões denotadas, implica, entre outras coisas, em um *caminhar lado-a-lado* ou uma conexão entre *quebradas* ou entre prisões, ou, nas palavras da autora: “[...] a noção de *hierarquia* no PCC só pode ser descrita em meio às dinâmicas que envolvem a *sintonia*, fundadas no fluxo de movimentos e *ideias*.” (BIONDI, 2018b, p. 261).

A última parte do livro, *III – Situação (e lei)* é o momento em que Biondi adentra as instâncias regulatórias do *Comando*, tratando em seus capítulos 6 – *Aval e salve*; 7- *Debates* e 8- *O certo* como, através das *ideias lançadas* e diversos *movimentos* que se entrecruzam e geram *situações* entendidas como passíveis de *brechas* a serem trabalhadas, surgem os *debates* e os *salves*, sempre tendo como horizonte o *correr pelo certo*.

Se, de um lado, a mídia trata os *debates* do PCC como tribunais do crime, Biondi (2018b) traz toda a complexidade de como esses *debates* são interações dinâmicas em que *ideias* são lançadas sobre uma determinada *situação*, criando rearranjos que geram outras *situações*. Longe de ser um espelho das instituições jurídicas estatais, os *debates* se mostram enquanto um confronto de *ideias* e não práticas judiciais que, como posto por Foucault (2002, p. 27), buscam uma verdade, através de provas e inquéritos e que tem como finalidade uma punição.

Os *debates* podem tanto gerar uma *consequência* para alguém que não teve *disciplina* ou não *andou pelo certo*, quanto gerar um *salve*, ou seja, um *consenso* que produz uma *situação* nova nas *quebradas*, e/ou nas prisões e entre os membros do PCC.

O *certo* não é uma normativa estabelecida para os membros do PCC, mas, antes disso, uma busca pela *justiça*, pelo justo. Não há correlação entre a *justiça* do *Comando* e o que se entende por *justiça* nos aparelhos judiciais estatais. *Andar pelo certo*, *estar pelo certo* são posturas que estão adequadas às *ideias* daquela *situação*, daquele *ritmo* do PCC naquele momento.

O livro *Proibido roubar na quebrada* traz uma busca dos *movimentos* e de como eles perpassam por pessoas, objetos, *quebradas*, cadeias, em interlocuções constantes através das *ideias*, fluindo para além de hierarquias jurídicas, regulações estatais, durezas concretas, tão socialmente disseminadas quando o assunto é o *Comando*. No livro de Biondi, são esses

movimentos, ideias, ritmos, debates, salves, entre tantas outras dinâmicas, que demonstram como opera o PCC, para além de territórios e temporalidades fixadas, nos trazendo, como a própria autora coloca, a partir das falas de seus interlocutores: [...] ‘uma noção de como o bagulho funciona’ (BIONDI, 2018b, p. 280)

Referências Bibliográficas

- BIONDI, Karina. Como descrever uma “onda”? Uma abordagem metodológica para a etnografia de um movimento. *Anuário Antropológico (UNB)*, Brasília, v. 43, n. 2, p. 285-308, 2018a.
- _____. Pesquisar (n)o crime: a transformação das dificuldades pragmáticas em prazer analítico. *Cadernos de Campo (USP)*, São Paulo, v. 1., p. 295-309, 2017.
- _____. *Junto e Misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.
- _____. *Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC*. São Paulo: Terceiro Nome, 2018b.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose – Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- MARQUES, Ana Cláudia. Prefácio – Ideias em reverberação. In: BIONDI, Karina. *Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC*. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.
- RUI, Taniele. Depois da “Operação Sufoco”: sobre espetáculo policial, cobertura midiática e direitos na “cracolândia” paulistana. *Contemporânea*, v. 3, n. 2, p. 287-310, 2013.
- _____. *Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Tese de doutorado (Doutorado em Antropologia Social), PPGAS-Unicamp, 2012.

autora

Camila de Lima Vedovello

É doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Recebido em 16/04/2019

Aceito para publicação em 30/06/2019